

APLICAÇÃO DE UMA TEORIA DE ENFERMAGEM COM O PÚBLICO TRANSEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carla Andreia Alves de Andrade¹

Karla Romana Ferreira de Souza²

Amanda Oliveira Bernardino Cavalcante de Albuquerque³

Ednaldo Cavalcanti de Araújo⁴

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência, sobre a aplicação de uma teoria de enfermagem em uma pesquisa com o público transexual feminino no Programa de Pós Graduação de Enfermagem (PPGENF) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que tinha como objetivo abordar o autocuidado (AC) de mulheres transexuais em uso de hormônio sexuais. Por ter sido pioneiro na abordagem com o público transexual houve entraves na construção, (re)construções de conceitos e (re)significações do contexto de saúde para os docentes e discentes do PPGENF. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o desenvolvimento do AC durante o uso dos hormônios são alterados pelas limitações impostas pelo conhecimento limitado dessas práticas nas mulheres transexuais. Com a baixa qualidade no AC, as informações inadequadas, a insensibilidade com as preocupações, além da pouca expectativa individual que as mulheres transexuais possuem, acabam por contribuir para a manutenção e ampliação de déficits de AC.

Palavras-chave: Pessoas Transgêneros; Autocuidado; Hormônios sexuais; Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Falar em exercício da sexualidade - mesmo que seja de maneira generalizada e não relacionada à própria vivência- pode ser muito conflitante para os ouvintes. Se considerarmos as vivências em comportamentos, atitudes e práticas durante o processo assistencial ou de formação profissional da enfermagem, o tema adquire dimensões ainda maiores. A formação de profissionais sempre esteve atrelada aos fundamentos neutros e, no que se refere à sexualidade é abordado, na maior parte das vezes, apenas no aspecto sexual ou reprodutivo, o que torna o processo assexuado no desenvolver da assistência (CARDOSO; FERRO, 2012; BRASIL, 2013).

¹ Doutoranda pela Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de Pernambuco - UPE, carlandrya2@yahoo.com.br;

² Doutoranda pela Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de Pernambuco, karlaromana13@gmail.com;

³ Doutoranda pela Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de Pernambuco, amandaobernardino@hotmail.com;

⁴ Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Recife, PE, Brasil. Email: reuol.ufpe@gmail.com

A transexualidade configura um desdobramento da sexualidade, e em muitos aspectos, ainda está em pleno processo de conhecimento, reconhecimento e aceitação social, visto ter o universo transexual um domínio social que tange as questões de autoidentificações. Além das identidades transexuais, existem as seguintes diversidades: *crossdressers*, transformistas e *drags queens*, entretanto a compreensão dos processos culturais de construção do corpo, gênero e sexualidade entre mulheres transexuais e as travestis são fronteiras muito tênues (BENEDITTI, 2005).

Quando as transexuais decidem readequar a identidade de gênero à qual se identificam, é no corpo que se concentram os principais símbolos de feminino e masculino, há, portanto, um investimento de conhecimento, tempo e dinheiro na construção da real identidade corporal (BENTO, 2014; BENEDITTI, 2005). No processo de construção da identidade de gênero transexual, deve-se levar em consideração que, um fator importante para o processo, é o uso de hormônios e implantes de silicone. Na maioria das vezes, o uso de hormônios sexuais não ocorre com o acompanhamento nos serviços de atenção básica à saúde, devido ao fato de que, quando buscam orientação sobre cuidados e atenção aos agravos à saúde, são tratadas pelo sexo biológico e não pela identidade de gênero (BENTO, 2014; BENEDITTI, 2005; BENTO 2008; ROMANO, 2008).

Quando se emprega uma teoria em um estudo científico, ela pode proporcionar ao enfermeiro o conhecimento para o aperfeiçoamento de sua prática. A Teoria Geral de Orem é constituída de três constructos teóricos: a Teoria do Autocuidado (AC), a Teoria dos Déficits de Autocuidado e a Teoria de Sistema de Enfermagem. Os constructos que serão usados no estudo serão os da Teoria do AC e da Teoria dos Déficits de Autocuidado. Os requisitos da Teoria do AC que engloba os conceitos das atividades, exigências terapêuticas e os requisitos para o AC são os requisitos universais que são os processos associados de vida e de manutenção da integridade estrutural e funcionante da vida humana. Os de desenvolvimento são tantas as expressões especializadas de requisitos universais de autocuidado que foram particularizados por processos de desenvolvimento quanto novos requisitos derivados de uma condição (OREM, 2001; GEORGE, 2000), e os desvios de saúde são exigidos quando há a presença de doença, algum ferimento ou também em consequência de medidas médicas para diagnosticar ou corrigir uma condição existente (OREM, 2001; GEORGE, 2000).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, acerca da aplicação da teoria de Autocuidado de Orem em uma pesquisa com a população transexual, com o objetivo de abordar sobre o autocuidado de transexuais femininas em uso empírico de hormônios sexuais, realizado no Programa de Pós-Graduação da UFPE.

O local do estudo foi a cidade de Recife (PE), a capital do estado de Pernambuco, Brasil. Fizeram parte da amostra do estudo, mulheres transexuais em uso de hormônios sexuais que se identificassem socialmente como do gênero feminino, independente de se autodenominarem com mulheres transexuais e/ou travestis.

Devido ao objeto de estudo em questão serem indivíduos que possuem baixa visibilidade, optou-se por realizar a amostragem do tipo *snowball sampling* (bola de neve) que se caracteriza em utilizar a indicação de um membro dessa população a outro que também faça parte (DEWES, 2013; SALDLER, 2010).

O local de pesquisa foi de acordo com a conveniência das participantes, as mesmas expressaram o desejo de que os encontros ocorressem em locais variados. O horário dos encontros fora do ambiente domiciliar ocorria preferencialmente no cair da noite, visto ter sido relatado pelas mesmas o medo de exposição durante o dia, sempre ocorrendo em locais que proporcionavam ambiente tranquilo e confortável para as mesmas.

No período de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017, ocorreu a produção dos dados, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com mulheres transexuais em ambientes privados (instalações físicas de ONGs), públicos (centro de referência LGBT) e domicílios. Inicialmente foram realizados oito encontros para a realização das entrevistas e posteriormente, devido à condição de retorno para a validação do conteúdo transcrito, novos encontros foram realizados com o intuito da leitura do material transcrito após ter sido gravado.

O local de início foi obtido após contato com o Centro Municipal de Referência em Cidadania LGBT (CMRC- LGBT). Foram feitos os contatos iniciais, com o primeiro indivíduo que será chamado de indivíduo “semente”. Foi considerado como sendo a “onda zero” e não fez parte da amostra, partindo daí o começo do processo da bola de neve.

As informações foram colhidas após análise e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), sob o CAEE 56903416.3.0000.5208.



Relato de experiência

Durante toda minha formação e vivências acadêmicas não houve oportunidade para discussões sobre a sexualidade e suas interfaces, fato esse que me provocou inquietação sobre como deveria portar-me durante a prestação de assistência a algum usuário que viesse a ter sua orientação de gênero discordante com os padrões da sociedade heteronormativa. As pessoas do grupo LGBT sofrem, no cotidiano, discriminações, violências e são estigmatizadas socialmente. Tudo ainda é mais acentuado quando se relaciona às transexuais. No tocante a Enfermagem, ela ainda está a galgar espaços onde possa atuar em prol das referidas pessoas.

Assim, a partir do projeto mestre << Redução de perdas e danos à saúde do Público Jovem LGBTTIS >> do Professor Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo foi decidido pesquisar sobre a forma pela qual as mulheres transexuais vivenciam o autocuidado na construção da readaptação física a partir do uso empírico de hormônios sexuais.

Por ser o primeiro estudo com abordagem do público Transexual, um dos primeiros entraves encontrados, durante a construção do projeto de pesquisa, foi a escolha do termo que iria ser usado para designar o objeto de estudo, uma vez que os termos mulheres transexuais, transgêneros, mulheres trans, travestis e *male-to-female* (MTF) são utilizados de formas e concepções diferenciadas.

A lógica do discurso patologizante, empregado entre a classe médica para designar as pessoas transgênero, encontra-se nas produções científicas que nomeiam as pessoas que fazem a transição de mulher para homem como “transexuais femininos” e de homem para mulher “transexuais masculinos”. Assim, caso, no presente nesse estudo, tais termos fossem adotados enquanto sendo uma mulher cisgênera, acabaria por desvalorizar o discurso das mulheres em questão, visto que não reconheceria as existências e percepções delas como mulheres trans, porque consideraria apenas o sexo biológico e cromossômico. Assim, haveria um processo de negação da subjetividade da pessoa como se reconhecendo diferente de próprio sexo biológico. Foi-se acordado que o termo empregado seria “mulheres transexuais” para as pessoas que se definissem e sentissem mulher, por ser uma maneira de legitimizar a sua existência social e a construção de identidade de gênero singular.

Entre as falas das participantes na amostra do estudo muitas vezes ficava claro que o conceito de saúde antes entendido pela pesquisadora, entrava em questionamento diante das novas concepções do que viria a ser saúde nesses corpos transexuais. As falas eram cheias de novas ressignificações.



“Não queremos saber sobre os riscos e nem sabemos sobre cuidados, nós queremos saber do que estamos vendo no espelho, tudo que for matar a aparência masculina, aquilo que nos incomoda, a gente segue a risca se você chegar e disse que tomando uma garrafa de vinagre vai deixar com quadril tal ou “dar carão”. Qualquer mulher trans ou travesti vai tomar uma garrafa toda. A saúde fica esquecida em compensação do corpo, porque nós não temos o hábito de ir ao posto de saúde porque sempre somos maltratadas (B1)”.

O hormônio era sempre ressaltado durante as falas de todas as participantes, vindo a apresentar um valor bastante elevado na construção desses corpos transexuais.

Muitas vezes a permanência ou o reconhecimento do indivíduo enquanto pertencente a um determinado grupo social o faz reproduzir comportamentos comuns ao grupo do qual o desejo de ser ou permanecer inserido são realizados. É uma prática bastante comum entre as transexuais femininas “prescreverem” o modo conforme os hormônios devem ou podem ser tomados, quanto maior o desejo das mudanças corporais imediatas, mas aconselham o aumento das dosagens dos hormônios e essas adaptações requerem ações que possam minimizar os possíveis agravos ou complicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os significados que transexuais femininas atribuem ao processo de hormonização, os autocuidados realizados, conhecer os motivos que as fazem passar por algo doloroso e arriscado, constituem-se objetivos relevantes para se construir orientações voltadas para medidas corretas e adequadas de AC.

Pensar em transexualidade é um convite aos conceitos arraigados que ainda subsistem. Deve-se de certa forma observar os desdobramentos das intervenções dos movimentos sociais, da comunidade acadêmica e também no que diz respeito às produções do conhecimento que anda sendo difundidos. Para que, assim, as mudanças acabem por fazer com que se pense nas vulnerabilidades nas quais as transexuais femininas estão sendo submetidas quando fazem uso de hormônios sem possuírem práticas adequadas de AC.

O universo transexual torna-se denso, com inúmeras questões que precisam ser dialogadas e estudadas e, no que concerne o campo do AC mostra-se ainda muito insipiente. Com a finalidade de conquistar o corpo almejado, homens e mulheres transexuais põem as suas próprias vidas em risco, a partir de procedimentos clandestinos, sem que haja um mínimo de segurança e / ou confiabilidade técnica.



REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 2ª ed- Natal; EDUFRN,2014

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense; 2008.

DEWES, João Oswaldo. **Amostragem em bola de neve e Respondent-drive Sampling**: uma descrição dos métodos. Instituto de Matemática. Departamento de Estatística- UFRGS; Porto Alegre; 2013. Dissertação de mestrado, 53p.

GEORGE, Julia B. et al. **Teorias de enfermagem**: fundamentos para a prática profissional. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2000.

OREM, D. **Nursing concepts of practice**, 6th ed. Mosby: New York, 2001.

ROMANO, Valéria Ferreira. As travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. **Saúde soc** , 7(2) , p.211-219, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902008000200019&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 20 Jul 2016.

SALDLER, G R et al. Research article: recruitment of hard-to-reach population subgroups via adaptations of the snowball sampling strategy. **Nursing & Health Sciences**. 2010; v. 12, p.369-374.